

RETRATO DE UM AMIGO

*Natalia Ginzburg**

[Tradução de Maria Betânia Amoroso]

A cidade que era cara ao nosso amigo é sempre a mesma. Houve algumas mudanças, mas pouca coisa: colocaram ônibus elétricos, fizeram algumas passagens subterrâneas. Não foram construídos cinemas novos. Os velhos continuam lá, com os nomes antigos que repetidos despertam em nós a juventude e a infância. Hoje moramos fora, numa outra cidade muito diferente, e maior, e se a gente se encontra e fala da nossa cidade falamos sem remorsos de tê-la deixado, e dizemos que hoje não poderíamos mais viver ali. Mas quando retornamos, basta atravessar o átrio da estação, e andar pela neblina das ruas, para nos sentirmos em casa; e a tristeza que a cidade nos inspira cada vez que retornamos está no sentir-se em casa e sentir, ao mesmo tempo, que nós, em nossa casa, não temos mais razão alguma para estarmos; porque aqui na nossa casa, na nossa cidade, na cidade onde passamos a juventude, sobraram para nós poucas coisas vivas, e somos tomados por uma multidão de lembranças e de sombras.

De resto, nossa cidade é melancólica por natureza. Nas manhãs de inverno, há um cheiro particular de ferrovia e fuligem, espalhado por todas as ruas e por todas as avenidas; quando se chega de manhã, a encontramos cinza de neblina e envolta naquele cheiro. Às vezes, se infiltra pela neve um sol débil, que tingem os flocos de rosa e de violeta, os ramos nus das plantas; a neve, nas ruas e nas avenidas, foi retirada e recolhida em pequenos montes, mas os jardins públicos estão ainda sepultados sob uma densa colcha, intacta e macia, com um dedo de altura sobre os bancos abandonados e sobre as beiradas das fontes; o relógio da Hípica está parado, há tempos incalculáveis, às quinze para as onze. Do outro lado do rio se ergue a colina, ela também branca de neve mas manchada aqui e ali por moitas avermelhadas; e no cume da colina se alteia uma construção alaranjada, de forma circular, que tempos atrás foi a Opera Nazionale Balilla. Se faz um pouco de sol, e a cúpula de vidro do Salão do Automóvel se ilumina, e o rio escorre com um brilho verde por debaixo das grandes pontes de pedra, por um momento, a cidade pode até parecer risonha e hospitaleira, mas é uma impressão fugaz. A natureza essencial da cidade é a melancolia: o rio, desaparecendo ao longe, evapora-se num horizonte violeta de neblina, que nos leva a pensar no pôr-do-sol mesmo sendo meio-dia; em qualquer ponto se respira aquele mesmo cheiro pesado e laborioso de fuligem e se ouve o apito do trem.

Nossa cidade é parecida, só agora nos damos conta, com o amigo que perdemos e que gostava tanto dela; é, como ele era, laboriosa, enredada numa atividade febril e teimosa; e é ao mesmo tempo indolente e disposta ao ócio e ao sonho. Na cidade que se parece com ele, por onde andamos, sentimos reviver nosso amigo; em cada ângulo e a cada esquina parece que de repente vai surgir sua figura alta com o sobretudo escuro com martingales, o rosto escondido na lapela, o cabelo caído sobre os olhos. O amigo media a cidade com seu passo longo, teimoso e solitário; se entocava nos cafés mais afastados e famosos, livrava-se rapidamente do sobretudo e do chapéu, mas mantinha, jogado ao redor do pescoço, o horrendo cachecol de lã clara; enrolava nos dedos as mechas compridas dos seus cabelos castanhos, e depois de repente se despenteava com um gesto abrupto. Preenchia folhas e mais folhas com sua caligrafia grande e veloz, riscando com fúria; e celebrava, nos seus versos, a cidade:

Este é o dia em que sobem neblinas do rio

Na bela cidade, entre campos e colinas,
Desmanchando-a como uma lembrança...

Seus versos ressoam aos nossos ouvidos, quando retornamos à cidade ou quando pensamos nela; e nem sabemos mais se são bons versos, de tanto que fazem parte de nós, de tanto que refletem a imagem da nossa juventude, dos dias hoje tão distantes em que, pela primeira vez, os ouvimos na voz de nosso amigo: descobrimos, com profunda surpresa, que mesmo sobre a nossa cinzenta, pesada e nada poética cidade se podia fazer poesia.

Nosso amigo vivia na cidade como um adolescente e até o último momento viveu assim. Seus dias eram, como aqueles dos adolescentes, longuíssimos, e cheios de tempo; sabia encontrar espaço para estudar e para escrever, para ganhar a vida e para vagar pelas ruas que amava: e nós que debatíamos divididos entre preguiça e atividade, perdíamos horas na incerteza de decidir se éramos preguiçosos ou ativos. Durante muitos anos não quis se submeter a um horário de escritório, aceitar uma profissão definida; mas quando concordou em se sentar à uma mesa de escritório, tornou-se um empregado meticuloso e um trabalhador incansável: mesmo reservando-se uma ampla margem de ócio; consumia suas refeições rapidamente, comia pouco e não dormia nunca.

Algumas vezes ficava muito triste, mas nós, por muito tempo, achamos que iria sarar daquela tristeza quando decidisse se tornar adulto. Porque a sua tristeza era parecida à de um garoto, a melancolia voluptuosa e distraída de quem ainda não tocou o chão e se movimenta no mundo árido e solitário dos sonhos. Algumas vezes, de noite, passava por casa; se sentava pálido, com seu cachecol no pescoço e enrolava os cabelos ou amassava uma folha de papel, não pronunciava, a noite toda, uma única palavra, não respondia a nenhuma das nossas perguntas. Ao final, num pulo, agarrava o sobretudo e ia embora. Humilhados, nós nos perguntávamos se havia se desiludido com nossa companhia, se procurava paz ao nosso lado e não obteve êxito, ou se simplesmente tinha se proposto a passar uma noite em silêncio sob uma lâmpada que não fosse a sua.

Aliás, conversar com ele nunca era muito fácil, nem mesmo quando estava alegre, mas um encontro com ele, mesmo feito de poucas palavras, podia ser tônico e estimulante como nenhum outro. Nos tornávamos, em sua companhia, muito mais inteligentes, nos sentíamos estimulados a carregar nossas palavras com o que tínhamos de melhor e de mais sério, deixávamos de lado os lugares comuns, os pensamentos imprecisos, as incoerências.

Ao seu lado, nos sentíamos freqüentemente humilhados: porque não sabíamos ser, como ele, sóbrios, nem modestos, nem generosos e desinteressados. Tratava a nós, seus amigos, de um modo áspero, e não perdoava nenhum dos nossos defeitos, mas se estávamos angustiados ou doentes se mostrava inesperadamente solícito como uma mãe. Por princípio, se recusava a conhecer gente nova, mas podia acontecer que inesperadamente, com uma pessoa impensável e jamais vista, uma pessoa até mesmo ligeiramente desagradável, ele se mostrasse expansivo e afetuoso, pródigo em encontros e projetos. Se lhe fosse feita a observação de que aquela pessoa era, por muitos motivos, antipática ou desagradável, ele dizia que sabia disso muitíssimo bem, porque ele gostava de saber sempre tudo, não nos dava jamais a satisfação de lhe contar alguma coisa nova; mas por qual razão se comportava de modo tão confidencial com aquela pessoa e negasse sua cordialidade a outras mais merecedoras, não dava explicação, e nunca soubemos porque. Às vezes se tornava curioso a respeito de alguém que pensava que viesse de um mundo elegante, e passava a freqüentá-la; talvez esperasse tirar alguma vantagem para seus romances, mas ao julgar a sofisticação social ou os hábitos,

equivocava-se, e tomava por cristal fundos de garrafa. E nisso, mas somente nisso, era muito ingênuo. Equivocava-se sobre a sofisticação dos hábitos, mas quanto à sofisticação do espírito ou da cultura, não se deixava ser pego em enganos.

Tinha um modo avarento e cauteloso de dar a mão ao cumprimentar, poucos dedos estendidos e recolhidos; tinha um modo esquivo e parcimonioso de retirar o fumo da bolsa e encher o cachimbo e tinha um modo brusco e repentino de nos presentear com dinheiro se soubesse que estávamos precisando; um modo tão brusco e repentino que nos deixava atônitos: era, ele mesmo dizia, avarento quanto ao seu dinheiro, e sofria ao se separar dele, mas assim que se separava, já não dava a menor bola. Se estávamos longe dele, não nos escrevia, nem respondia às nossas cartas ou respondia com poucas frases frias e cortantes: porque, dizia, não sabia querer bem aos amigos quando estávamos longe, não queria sofrer com a ausência deles e imediatamente eram incinerados no seu pensamento.

Jamais teve uma mulher, nem filhos, nem uma casa. Morava com uma irmã casada, que gostava dele e da qual ele também gostava, mas em família usava os mesmos modos rústicos e se comportava como um menino ou como um forasteiro. Às vezes vinha à nossa casa e observava, com as sobrancelhas franzidas e bonachão, os filhos que fazíamos, as famílias que construíamos: ele também pensava em construir uma família, mas pensava nisso de um modo que, com o passar dos anos, tornava-se sempre mais complicado e tortuoso, tão tortuoso que não podia germinar nenhuma simples conclusão. Havia criado, com os anos, um sistema de pensamento e princípios tão intrincado e inexorável que lhe impedia o acesso à realidade mais simples: e quanto mais proibida e impossível se tornava aquela realidade, tanto nele se tornava mais profundo o desejo de conquistá-la, embarçando-se e ramificando como uma vegetação tortuosa e sufocante. Às vezes ficava muito triste, e claro que queríamos ajudá-lo, mas nunca nos permitiu uma palavra piedosa, um gesto de consolação e ocorria também que nós, imitando seus modos, recusássemos na hora da nossa aflição sua misericórdia. Não foi para nós um mestre, embora tenha nos ensinado tantas coisas, já que conhecíamos bem as absurdas e tortuosas complicações de pensamento nas quais aprisionava sua alma simples e gostaríamos nós também de ter-lhe ensinado alguma coisa, ensinado a viver de um modo mais elementar e respirável, mas não conseguimos ensinar nada a ele, porque quando tentávamos lhe expor nossas razões, erguia a mão e dizia que já sabia tudo.

Nos últimos anos seu rosto estava sulcado e escavado, devastado por pensamentos perturbadores, mas conservou até o último momento, na sua figura, a gentileza de um adolescente. Tornou-se, nos últimos anos, um escritor famoso, mas isto não mudou em nada seus hábitos esquivos, nem a modéstia da sua atitude, nem a humildade, conscienciosa beirando o escrúpulo, do seu trabalho do dia a dia. Quando perguntávamos a ele se gostava de ser famoso, respondia com um sorrisinho de soberba, que sempre esperara por isso — tinha, às vezes, um sorriso astuto e soberbo, pueril e malévolos, que cintilava e desaparecia. Mas ter sempre esperado significava que alcançada a coisa não lhe dava mais nenhuma alegria: porque era incapaz de desfrutar das coisas e amá-las, depois que as conquistava. Dizia conhecer sua arte tão a fundo que ela não oferecia mais nenhum segredo: e não oferecendo mais segredo, não o interessava mais. Nós mesmos, seus amigos, ele nos dizia, não tínhamos mais segredos para ele e o entediávamos imensamente; nós, mortificados por entediá-lo, não conseguíamos lhe dizer que sabíamos onde ele estava errado: em não querer ceder e amar o curso cotidiano da existência, que corre uniforme e aparentemente sem segredos. O que ainda restava para ser conquistado, portanto, era a realidade cotidiana, mas esta

era proibida e inalcançável para ele que dela sentia, ao mesmo tempo, sede e desprezo, só podendo assim olhá-la como se à distância desmesurada.

Morreu no verão. Nossa cidade, no verão, é deserta e parece muito grande, clara e sonora como uma praça; o céu é límpido, mas não luminoso, de uma palidez láctea; o rio escorre plano como uma estrada, sem exalar umidade, nem frescor. Das alamedas se levantam lufadas de poeira; passam, vindo do rio, grandes caminhões carregados de areia; o asfalto da avenida fica todo salpicado de pedrinhas que cozinham no breu. Ao ar livre, debaixo dos guarda-sóis com franjas, as mesinhas dos cafés estão abandonadas e ardendo.

Nenhum de nós estava lá. Escolheu para morrer um dia qualquer daquele tórrido agosto, e escolheu um quarto de hotel próximo à estação, querendo morrer, na cidade que lhe pertencia, como um forasteiro. Havia imaginado sua morte numa poesia antiga, de muitos e muitos anos atrás:

Não será necessário abandonar a cama.
Só a aurora entrará no quarto vazio.
Bastará a janela para vestir cada coisa
De uma claridade tranqüila, quase uma luz.
Pousará uma sombra escarna no rosto supino.
As lembranças serão coágulos de sombra
Tão escondidas como antigas brasas
Na lareira. A lembrança será a chama
Que ainda ontem consumia os olhos apagados.

Fomos, um pouco depois da sua morte, às colinas. Havia restaurantes pela estrada, com parreiras avermelhadas, jogo de bocha, uma porção de bicicletas; havia barracas com espigas de milho, feno cortado secando sobre os sacos: a paisagem, à margem da cidade e no limiar do outono, que ele amava. Vimos, nas encostas cobertas de verde e nos campos arados, surgir a noite de setembro. Éramos todos muito amigos, e nos conhecíamos há tantos anos; pessoas que haviam sempre trabalhado e pensado juntas. Como acontece entre quem se gosta e é atingido por uma desgraça, procurávamos agora gostar ainda mais e de acudir e proteger um ao outro, porque sentíamos que ele, de alguma maneira própria e misteriosa, havia sempre nos acudido e protegido. Estava mais do que nunca presente naquela encosta da colina.

Cada olhar que retorna, conserva um gosto
De mato e coisas impregnadas de sol na tarde
Sobre a areia. Conserva um sopro de mar.
Como um mar noturno é esta sombra vaga
De ânsias e arrepios antigos, que o céu resvala
E cada tarde retorna. As vozes mortas
Se parecem a arrebentação daquele mar.

* Natalia Ginzburg, escritora italiana, autora de *Léxico familiar*, no prelo pela Cosac Naify. O texto foi publicado originalmente na revista literária *Ficções* n. 5 (7Letras), em junho de 2000

